O inédito conjunto cerâmico romano da Casa do Rio (Torno, Lousada). Algumas considerações sobre um espólio *ex situ*

MANUEL NUNES[1]
PAULO LEMOS[2]

1 Arqueólogo.
2 Arqueólogo. Araducta Arqueologia.

RESUMO

A Casa do Rio, um solar de vocação predominantemente agrícola, situado na freguesia do Torno, concelho de Lousada, alberga um conjunto de vestígios de tradição romana que agora se dão a conhecer publicamente. Entre estes vestígios, para além de materiais pétreos de construção e atividades de produção agrícola, salienta-se um conjunto cerâmico constituído por dez peças cerâmicas romanas inteiras, alegadamente provenientes de um achado comum, resultante de ações de movimentação de terras, decorridas no início do século XX, para a construção de um lago.

PALAVRAS-CHAVE
Casa do Rio; Lousada; cerâmica romana; séculos I/II d.C. a V d.C.

ABSTRACT

Casa do Rio, a predominantly agricultural manor house located in the parish of Torno, municipality of Lousada, houses a set of traces of Roman tradition that are now publicly presented. Among these remains, besides the stone building materials and agricultural production activities, there is a ceramic set consisting of ten whole Roman ceramic pieces, allegedly from a common find resulting from earth-moving activities, carried out in the early 20th century for the construction of a lake.

KEYWORDS
Casa do Rio; Lousada; Roman ceramics; 1st and 2nd centuries AD to 5th century AD.

1. Introdução

Localizada na freguesia de São Fins do Torno, no concelho de Lousada (41°17'55.94"N / 8°12›51.21"O), e próxima da ponte da Veiga, estrutura pontística de origem medieval sobre o rio Sousa (Gomes e Arruela, 1996, p. 124), que se interpunha entre o caminho medieval que ligava dois dos principais itinerários provenientes da cidade do Porto, designadamente a estrada de Guimarães e a estrada de Amarante (Alves, Pinho e Cardoso, 2021, p. 107), a Casa do Rio é uma habitação que se insere na tipologia de "casa melhorada", conservando até à atualidade o plano construtivo original. Tratando-se de uma casa de vocação predominantemente agrícola, sede de uma família com prestígio social e económico, foi melhorada a nível arquitetónico com a introdução de elementos diferenciadores, nomeadamente o portal armoriado, datado, presumivelmente, do final do século XVIII (Nóbrega, 1999, pp. 45-50). Alvo de continuadas obras de reformulação e ampliação, o conjunto arquitetónico viu ser-lhe acrescentado, nos primórdios do século XX, uma extensa área destinada à fruição familiar coroada por um bosque e um extenso lago de cariz romântico, cuja construção se deve ao então proprietário, vereador e antigo presidente da Câmara Municipal de Lousada, Gaspar António Pereira Guimarães. O espaço sofreu nova intervenção sob a orientação de José Sebastião Mendes Carvalho Matos Guimarães, responsável pela construção do Parque de Nova Sintra, no Porto, e avô do atual proprietário da Casa do Rio[1].

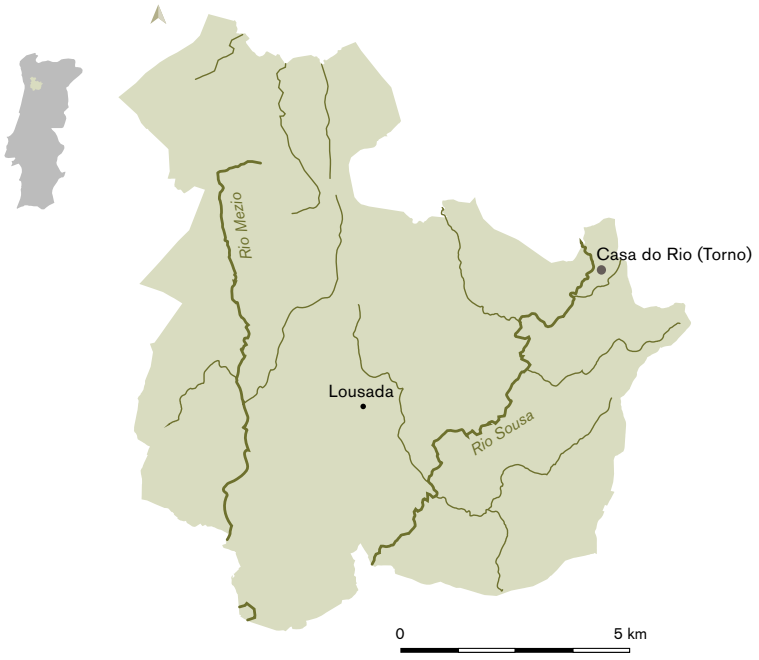


Figura 1. Localização da Casa do Rio, freguesia do Torno, concelho de Lousada (Santos, 2022).

[1] Agradecemos ao atual proprietário da Casa do Rio, Eng.º José Joaquim Nunes Guimarães, o acesso ao espólio em apreço e a autorização para a sua publicação.

Figura 2. Ortofotomapa (voo de julho de 2021) com localização da Casa do Rio (A) e lago edificado no início do século XX de onde provêm os achados cerâmicos em estudo (B). A oeste da Casa do Rio situa-se a ponte medieval da Veiga (C) (CML, 2022).

De acordo com a informação preservada pela família, terá sido no decurso destas obras de construção do lago que um conjunto de vestígios cerâmicos e líticos, de cronologia romana, foi posto a descoberto. O achado entra na esfera científica quando, em 1926, José Sebastião Mendes Carvalho Matos Guimarães oferece ao Museu de Arqueologia e Antropologia Mendes Correia, um dos polos do então Museu de História Natural da Universidade do Porto e atual Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto, um pequeno pote cerâmico proveniente do conjunto exumado. Infelizmente, a peça ofertada não tem qualquer indicação do contexto, ostentando ainda hoje a etiqueta original colada no bojo, onde está escrito: S. Pedro Fins do Torno / Casa do Rio / Lousada / Of. J. Sebastião Guimar.ães.

Mais tarde, já na década de 1980, o pai do atual proprietário, Joaquim Gaspar Ribeiro de Carvalho Guimarães, terá ofertado ao Museu Nacional Soares dos Reis um segundo conjunto de materiais arqueológicos, alegadamente proveniente do mesmo achado – peças cerâmicas (inteiras) em número indeterminado, bem como algumas mós rotativas manuais –, o qual, até à data, não foi possível localizar na coleção do Museu.

Não sendo conhecidas referências bibliográficas para estes achados concretos, importa, todavia, mencionar que José Augusto Vieira (1887, p. 371), no seu périplo por terras de Lousada, ao referir-se à senhorial Casa da Veiga, vizinha da Casa do Rio, a ela se refere como "a casa do fidalgo do Crasto da Veiga". Desconhece-se se esta alusão a um castro decorre da eventual proximidade ao alegado povoado do Bacelo[2], topónimo que Salgado Guimarães anota à alusão de Martins Sarmento (1989, p. 26) a uma "Eira dos Mouros" que se situaria na mesma freguesia do Torno, embora a cotas mais elevadas. A bibliografia arqueológica subsequente haveria de se limitar a reproduzir, sem mais, esta informação genérica (Silva, 1986, p. 84; Queiroga, 2003, p. 167; Pinto, 2008, p. 56), embora, em 2007, na sequência da reedição da tese publicada em 1986, Armando Coelho proceda à revisão dos dados do inventário das estações castrejas do Noroeste de Portugal, acrescentando coordenadas de localização ao sítio do Bacelo (n.º inventário 439), localizando-o a cerca de 220 metros a sudeste da Casa do Rio (Silva, 2007, p. 134), na encosta sobranceira à veiga do rio de Moinhos. Apesar de o posicionamento topográfico apontado por Armando Coelho para este habitat sugerir a presença de um possível *castro agrícola* que, em momento posterior, terá dado lugar a um assentamento romano do tipo casal ou *villa*, situado nas proximidades da Casa do Rio (Sousa, 2019, p. 187), o facto é que não foram, até à data, recolhidos quaisquer indícios de ocupação da Idade do Ferro nesta área. Ao invés, todos os vestígios conhecidos e com cronologia atribuível (cerâmica comum e de construção) apontam para uma ocupação romana balizada entre os séculos I/II d.C. e V d.C.

Para além dos vestígios cerâmicos, constituídos por um conjunto de dez peças inteiras (nove das quais à guarda do atual proprietário da Casa do Rio) incorporando várias tipologias (púcaro, bilha/anforeta, jarro, copo e tijela) e diversos fragmentos de *tegulae*

[2] Segundo Salgado Guimarães: "Bacelo. Inventariado com o n.º 359 no C.C.N.P. Fica situado na freguesia de Torno, concelho e Lousada, donde dista 3 km" (Sarmento, 1989, p. 27).

Figura 3. Aspeto da fachada da Casa do Rio (Guimarães, 2022a).

Figura 4. Aspeto do lago da Casa do Rio e respetivo bosquete (Guimarães, 2022b).

Figura 5. Aspeto do conjunto de materiais líticos à guarda da Casa do Rio (base de coluna e dormentes de mós rotativas manuais) provenientes da área do lago.

recolhidos nos terrenos adjacentes, regista-se igualmente a presença de dois *dormentes* de mós rotativas manuais e uma base de coluna, cuja proveniência é a mesma dos materiais cerâmicos, e que, atualmente, se encontram guardados no interior da propriedade.

A presença de um conjunto significativo de peças cerâmicas romanas de uso comum inteiras, alegadamente provenientes de um mesmo contexto, aventou, desde o primeiro momento, a possibilidade de se tratar de mobiliário funerário exumado de uma necrópole, eventualmente destruída no âmbito das obras de construção do lago da Casa do Rio. Todavia, para além de a diacronia dos materiais cerâmicos apontar para um largo espectro temporal, entre os séculos I/II d.C. e V d.C., sugerindo a possibilidade de se tratarem de achados distintos, associados ou não a um espaço funerário, a presença de materiais líticos de construção e de uso doméstico, também eles, alegadamente, provenientes do mesmo local e claramente conotados com um espaço de habitat com uma certa perenidade, levantam questões crono-espaciais que, no atual estado da arte, não é possível esclarecer.

2. Metodologia

O conjunto de peças objeto deste registo gráfico é constituído por dez peças cerâmicas inteiras, ainda que todas elas apresentem fraturas em maior ou menor grau.

Com exceção de uma tigela, cujos fragmentos de bordo foram colados com uma solução de Paraloid B72 diluído em acetona, nenhuma das peças foi alvo de qualquer ação de conservação e restauro nem marcação, tendo sido registadas nas condições em que foram disponibilizadas pelo proprietário e pelo Museu.

Todas as peças foram desenhadas manualmente à escala 1/1 em papel milimétrico e posteriormente tintadas[3].

O registo fotográfico foi efetuado com recurso a caixa de luz com iluminação LED, máquina fotográfica Nikon D300, com lente Nikon 60 mm macro.

As imagens foram tratadas em Photoshop 22, estando o ecrã calibrado (perfil de cor SRGB, calibrado por Spyder X Datacolor).

Para as peças cerâmicas foram efetuadas várias vistas para além das frontais, mais usadas em publicação, no sentido de documentar com pormenor as características deste conjunto[4].

Todas as peças foram catalogadas com o acrónimo CRT_2022 (Casa do Rio – Torno), antecedido pelo respetivo número de inventário.

3. O conjunto cerâmico[5]

A cerâmica romana é produzida em oficinas "semi-industrializadas", sendo que as produções cerâmicas variam consoante a diversidade de matérias-primas, tradições de oleiros, evoluções locais, gostos locais e um todo de interações comerciais. O conjunto de peças provenientes da Casa do Rio encaixa-se na produção cerâmica comum romana, normalmente de boa qualidade, padronizada e com uma funcionalidade bem definida, destinando-se o seu uso para a mesa, cozinha, armazenamento, transporte, etc. De acordo com as diferentes produções e tipologias, é possível obter informações que permitem a sua balização em termos cronológicos.

No que respeita ao conjunto de dez peças em apreço, partiu-se do princípio de que fariam parte de um mesmo achado, mantendo-se a esse respeito, como vimos, algumas reservas.

As produções patentes neste conjunto apresentam pastas finas (ao nível de desengordurantes), de cor bege/alaranjada[6], exceto um jarro de pasta acinzentada, indiciando

[3] Os desenhos são da autoria da Dra. Carla Martins.

[4] As fotografias são da autoria de Ricardo Abranches (ArcheoEstudos).

[5] Agradecemos à Dra. Carla Martins a preciosa colaboração no estudo do conjunto cerâmico que agora se publica.

[6] A identificação cromática da pasta e superfície foi feita de acordo com a classificação de Kornerup e Wanscher (1978).

Figura 6. Conjunto cerâmico (nove peças) exumado aquando da construção do lago da Casa do Rio e atualmente à guarda do proprietário.

que as peças seriam para ir à mesa. A bilha/anforeta também poderá ter tido uma funcionalidade de armazenamento/transporte.

A presença de aguada/engobe na quase totalidade das peças dever-se-á a uma questão decorativa, quando aplicada no exterior da peça, mas, quando aplicada no seu interior, soluciona uma necessidade de impermeabilização das cerâmicas, já que estas se destinavam a líquidos ou substâncias viscosas.

A cerâmica comum romana tem um amplo espectro cronológico. No entanto, a qualidade das pastas das peças em questão – mais depurada e de melhor qualidade –, os acabamentos mais elaborados e com menor quantidade de desengordurantes, principalmente mica, as boas cozeduras, mesmo em relação ao jarro de pasta acinzentada, indiciam uma cronologia em torno do século I/II d.C. Fora deste âmbito cronológico encontra-se uma das peças estudadas – um copo com engobe branco (n.º inventário 7). A peça em questão, pelo facto de a produção cerâmica de engobe branco ainda hoje se encontrar mal estudada (Delgado e Morais, 2009, p. 57), levanta algumas questões que, sem contexto arqueológico de suporte, tornam difícil a definição de uma cronologia fina. De facto, sendo as datações mais comuns para estas peças enquadradas em épocas mais tardias, em torno de finais do século III d.C. a finais do século IV d.C. e, posteriormente, ao século V d.C., também é verdade que são conhecidas produções alto-imperiais provenientes de Conímbriga (Alarcão, 1976, pp. 59-64) e Bracara Augusta (Delgado e Morais, 2009, p. 58), razão pela qual a questão "absoluta" desta peça no contexto da Casa do Rio, salvo novos contributos crono-estratigráficos que possam surgir, permanecerá em aberto.

Referências bibliográficas

Alarcão, J., 1976. Céramique à engobe blanc. *Fouilles de Conímbriga*, VI, pp. 59-64.

Alves, D., Pinho, R. e Cardoso, C., 2021. *Jardins com História, Flora e Património dos Solares de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

CML – Câmara Municipal de Lousada, 2022. *[Localização da Casa do Rio e lago edificado no início do século XX de onde provêm os achados cerâmicos em estudo]*. [ortofotomapa] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

Delgado, M. e Morais, R., 2009. *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*. Porto: CITCEM.

Gomes, P. e Arruela, M. J., 1996. *Lousada, Terra Prendada*. Paços de Ferreira: Anégia Editores.

Guimarães, J., 2022a. *[Fachada da Casa do Rio]*. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

Guimarães, J., 2022b. *[Lago da Casa do Rio e respetivo bosquete]*. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

Kornerup, A. e Wanscher, J. H., 1978. *Methuen Handbook of Colour. 3rd edition*. London: Eyre Methuen.

Nóbrega, A. V. O., 1999. *A heráldica de família no concelho de Lousada. Aditamento a "Pedras de Armas do Concelho de Lousada, 1959"*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

Pinto, J. M. S. M., 2008. Do castro de S. Domingos a Meinedo: Proto-história e Romanização na bacia superior do rio Sousa. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, número especial, pp. 45-63.

Queiroga, F., 2003. *War and Castros: New Approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age*. Oxford: Archaeopress.

Santos, F., 2022. *[Localização da Casa do Rio, freguesia do Torno, concelho de Lousada]*. [imagem] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

Sarmento, F. M., 1989. *ANTIQVA (Informes, reconhecimentos e prospeções)*. Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmento, anotados por F. J. Salgado Guimarães. *Revista de Guimarães*, 99 (jan./dez.), pp. 16-66;

Silva, A. C. F., 1986. *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

Silva, A. C. F., 2007. *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal (edição revista e ampliada)*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

Sousa, L. 2019. Património arqueológico, arquitetónico e etnográfico da Paisagem Protegida do Sousa Superior (Fichas de Inventário). In: M. Nunes e M. Matos, coords. 2019. *Documento técnico de suporte à criação da Paisagem Protegida Local do Sousa Superior (Anexos)*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. pp. 1-223.

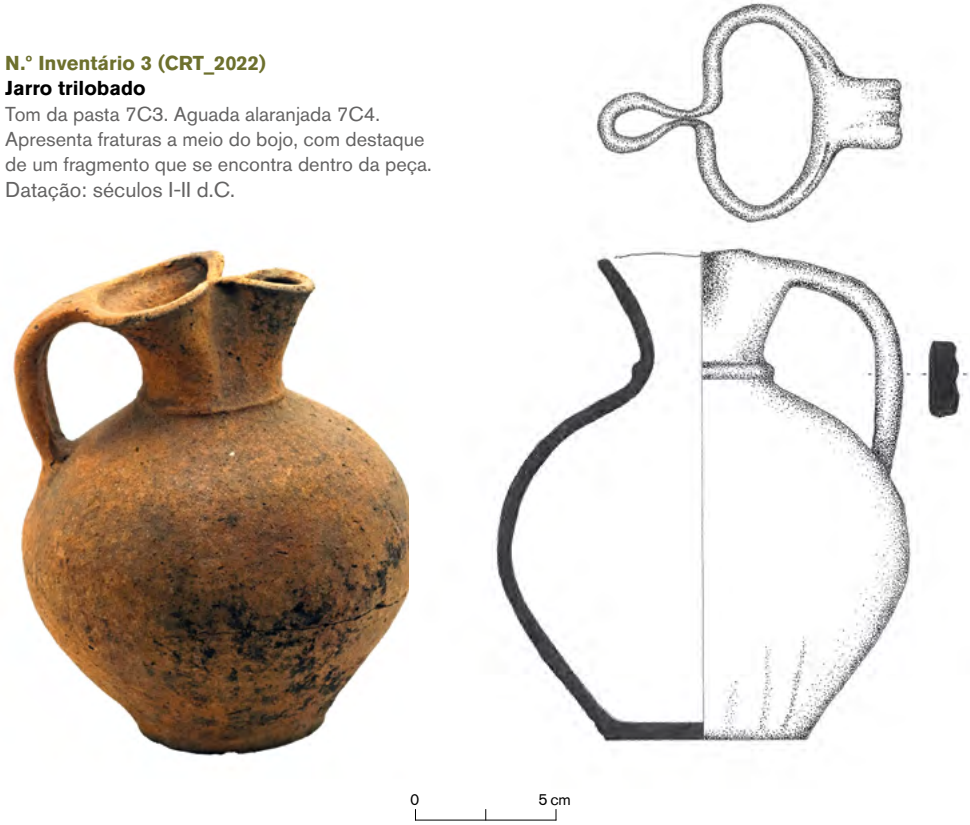
Vieira, J. A., 1887. *O Minho Pitoresco. Vol. II*. Lisboa: Livraria António Pereira.

Catálogo

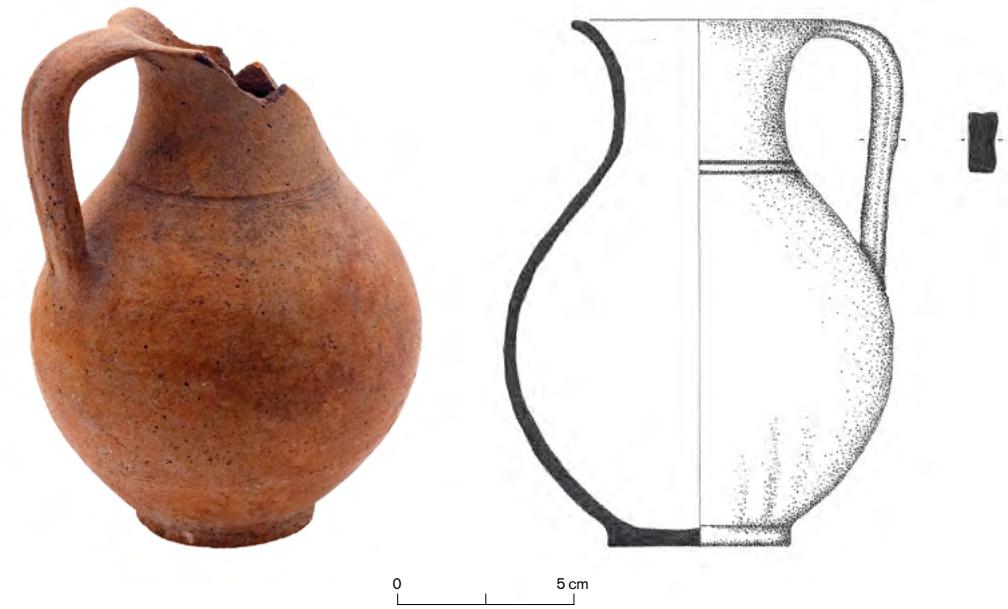
N.º Inventário 1 (CRT_2022)
Púcaro
Pasta bege 6C3, com rara e fina mica. Aguada do mesmo tom, ligeiramente alaranjada 6B4.
Bordo fraturado, com ausência do fragmento respetivo.
Datação: séculos I-II d.C.

N.º Inventário 2 (CRT_2022)
Bilha/anforeta
Pasta bege rosado 6B4, com rara e fina mica. Aguada avermelhada/acastanhada 6C5.
Datação: séculos I-II d.C.

N.° Inventário 3 (CRT_2022)
Jarro trilobado
Tom da pasta 7C3. Aguada alaranjada 7C4.
Apresenta fraturas a meio do bojo, com destaque de um fragmento que se encontra dentro da peça.
Datação: séculos I-II d.C.



N.° Inventário 4 (CRT_2022)
Púcaro
Pasta bege acastanhado 6C3, com rara e fina mica e feldspato.
Engobe bege alaranjado 6C5. Bordo e colo fraturado, com ausência dos fragmentos respetivos.
Datação: séculos I-II d.C.



N.º Inventário 5 (CRT_2022)

Bilha

Pasta bege 6B4, com rara e fina mica e feldspato. Aguada alaranjada/acastanhada 6C5.
Apresenta o bordo fraturado, com ausência dos fragmentos respetivos.
Datação: séculos I-II d.C.

N.º Inventário 6 (CRT_2022)

Copo

Pasta bege alaranjado 6B4, com vestígios de fina mica e feldspato. Aguada 6C4.
Apresenta o bordo fraturado, com ausência dos fragmentos respetivos.
Datação: séculos I-II d.C.

N.° Inventário 7 (CRT_2022)

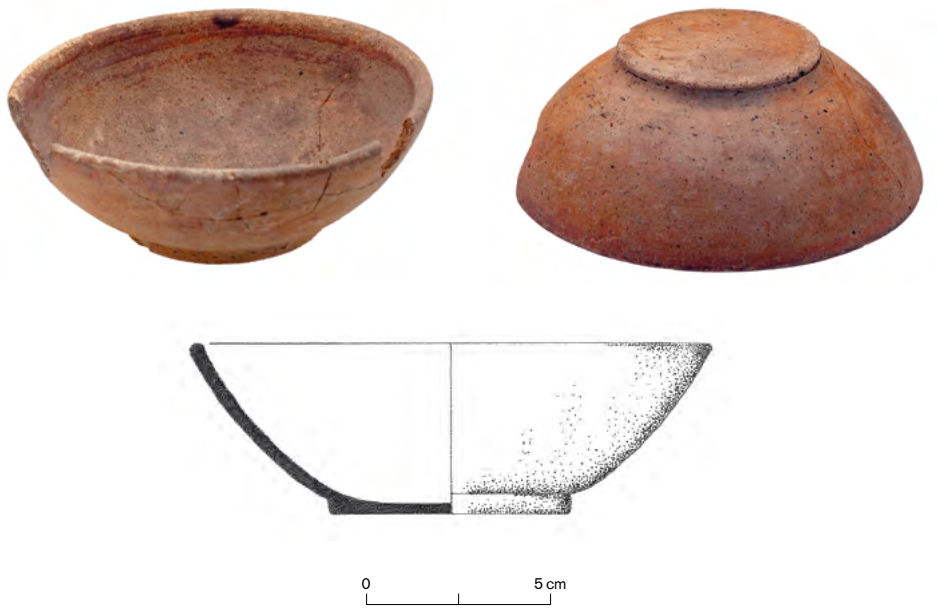
Copo

Pasta bege rosado C4, com fina mica. Engobe branco 7A1.
Apresenta o bordo e colo fraturado, com ausência dos fragmentos respetivos.
Datação: finais do século III d.C. a finais do século IV d.C.

N.° Inventário 8 (CRT_2022)

Tigela

Pasta bege 5B3, com fina mica e feldspato. Foi efetuada a colagem de vários fragmentos do bordo que vinham com a peça. Regista-se um único fragmento que não pertencia a esta peça.
Datação: séculos I-II d.C.



N.º Inventário 9 (CRT_2022)
Jarro
Pasta acinzentada 6D3, com muita mica fina e raros feldspatos. Engobe cinzento-escuro 6F1. A peça foi espatulada, as marcas são visíveis, porque o desgaste do engobe é significativo. Bordo e colo fraturados, com ausência dos respetivos fragmentos.
Datação: séculos I-II d.C.

N.º Inventário 10 (CRT_2022)
Copo
Pasta bege alaranjado 6B3, com rara e fina mica, fino feldspato e cerâmica moída. Aguada bege alaranjada 6B4, aparentando um pouco mais de mica. Fundo apresenta X inscrito num círculo. Apresenta bordo e colo fraturados, com ausência dos fragmentos respetivos. Esta peça encontra-se no Museu de História Natural da Universidade do Porto, com a referência atual: Arqueologia Coleção Lousada UP-MHNFCP-082043

As duas etiquetas mais antigas indicam oferta de J. Sebastião M. Carvalho Matos Guimarães, Casa do Rio, freguesia de São Pedro Fins do Torno, Lousada

Tem uma etiqueta antiga colada no bojo onde está escrito:
S. Pedro Fins do Torno Casa do Rio Lousada.
Of. J. Sebastião Guimar.ães

No fundo apresenta a marcação 26.05.01

Datação: séculos I-II d.C.